

CIÊNCIA, *FAKE NEWS* E PÓS-VERDADES: A PRODUÇÃO DE EFEITOS DE VERDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA*

Alberto Lopo Montalvão Neto
Doutorando em Educação
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Gustavo Gomes Siqueira da Rocha
Mestrando em Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

José Pedro Simas Filho
Mestre e Doutor em Educação Científica e Tecnológica
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Renan Machado
Licenciando em Ciências Biológicas
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo: No atual contexto vivencia-se, em âmbito mundial, um complexo momento de crise sanitária e político-social, que aflige diferentes camadas da sociedade. Agravando ainda mais o cenário, veiculam-se diariamente diversas notícias falaciosas que abordam distintos temas. Entre os campos que mais sofrem com a disseminação de notícias ludibriosas e desinformação está a Ciência. Considerando a crescente produção e disseminação de *fake news* na atualidade, o presente trabalho visa a refletir sobre a produção e circulação de notícias falsas no âmbito científico, contrapondo às disparidades e potencialidades ocasionadas pela *web* na construção de efeitos de verdade. Nesse contexto de realidade, analisamos uma *fake news* a respeito da COVID-19 que circulou recentemente na internet. Ademais, apontamos a potencialidade de algumas ferramentas para identificar notícias falsas. Nossas reflexões indicam uma possível dualidade relacionada a distintos efeitos de verdade.

Palavras-chave: *Fake news*; Pós-verdade; Ciência; *Web 2.0*; COVID-19.

1 Introdução

Não é nenhuma novidade a formulação e circulação de notícias falsas sobre diversos assuntos, de forma a ludibriar e/ou persuadir um determinado público. No entanto, os termos “*fake news*” e “*pós-verdade*” ganharam destaque nos últimos anos, principalmente após as conturbadas eleições presidenciais dos Estados Unidos no ano de 2016 (DELMAZO; VALENTE, 2018).

São muitos os conceitos atribuídos ao termo *fake news* que circulam na sociedade. Sendo assim, o compreendemos como a formulação de notícias/afirmações falsas/enganosas, a partir de um *design* específico (GELFERT, 2018) que gera desinformação. Ou seja, essas notícias são formuladas a partir de algumas características marcadas, que ajudam a propagar informações deturpadas, de modo a manipular o pensamento de um público-alvo. Nesse sentido, “[...] não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos” (RECUERO; GRUZD, 2019, p. 32).

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia

Em relação ao termo “*pós-verdade*”, adotamos a definição dada pelo Dicionário Oxford, que a classificou como a palavra do ano em 2016, visto que este termo foi utilizado demasiadamente naquele período. De acordo com a definição mencionada, trata-se de: “[...] um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais” (GENESINI, 2018, p. 47).

Sobre as características comuns às notícias falsas, podemos dizer que tratam-se de “[...] informações fabricadas que imitam o conteúdo da mídia na forma, mas não no processo organizacional ou intenção” (LAZER et al., 2018, p. 1094). Lazer e seus colaboradores (2018) também apontam que as agências ou os agentes que produzem esse tipo de notícia se utilizam de normas e processos comuns às questões editoriais e midiáticas, de modo a garantir a aparente credibilidade da informação que se intenta produzir. Além disso, ao falarmos sobre as notícias tendenciosas que se caracterizam dentro dos termos supramencionados, acreditamos que não se trata apenas de um erro de informação, que poderia ocorrer de modo não proposital e aleatório (LAZER et al., 2018). Assim, as *fakes news* são, acima de tudo, uma forma de disseminar desinformação, cuja intenção é de manipular os seus interlocutores.

Há muitos mecanismos pelos quais as *fake news* tornam-se bem sucedidas, de modo a circular rapidamente e assim atingir diversos públicos. Se por um lado elas se valem de mecanismos que lhes dão um caráter de veracidade, principalmente ao utilizarem-se de textualidades que se fazem parecer com aquelas que são caracteristicamente comuns aos veículos de informação, como, por exemplo, os jornais, por outro, essas notícias se utilizam de uma linguagem simples, acessível e que apaga as suas próprias origens. A respeito deste último aspecto, podemos dizer que “A própria forma como os links são partilhados nas redes sociais dificulta a identificação da natureza dos conteúdos em circulação” (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 158).

Em oposição à sua produção, diversos são os setores sociais que, de um modo ou de outro, reagem às *fake news* e aos efeitos das pós-verdades. Refletindo sobre as formas de reação e enfrentamento a esse tipo de notícia falaciosa, Delmazo e Valente (2018) pensam a respeito de quatro desses setores, que consideram fundamentais para compreender tais relações: Plataformas digitais; Organizações de pesquisa e da sociedade civil e as mídias; Governos e órgãos estatais; e Organismos Internacionais. Sobre esses setores, os autores apontam que:

Da parte das plataformas, vê-se uma preocupação em mitigar possíveis questionamentos sobre sua contribuição com o problema. Os medias¹ tradicionais visam estabelecer um contraponto e se afirmar como referências de informação de qualidade. Projetos de pesquisa listados buscam monitorar conteúdos falsos e realizar processos de verificação. Governos apontam reações diversas, incluindo medidas mais duras como a legislação aprovada na Alemanha. Chama atenção a declaração conjunta dos relatores para a liberdade de expressão de diversos organismos internacionais e multilaterais. O documento pontua o risco de reações e regulações que atentem contra a liberdade de expressão, como a instituição de mecanismos de censura ou remoção de conteúdos da web (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 161).

Nesse sentido, ainda que se considere importante o combate às *fake news*, são observadas reações controversas em relação às medidas necessárias para que se possa evitar tais efeitos ocasionados pela sua circulação. E, cabe apontar que o cerne da questão não está no descompromisso e/ou descaracterização da “verdade”, mas na forma como ela se faz e como essas “verdades construídas” circulam na contemporaneidade. Desse modo, partilhamos da visão de Genesini (2018), ao apontar que:

Não há nenhuma novidade na tentativa de falsificação política através da distorção de

¹ Termo utilizado em Portugal - tradução: “as mídias”.

fatos e informações. O novo é que estamos em uma nova era turbinada pela internet e pelas redes sociais, em que o crescimento é viral e o efeito, exponencialmente explosivo. O novo é o Facebook, o Google e o Twitter, não a tentativa de contar mentiras ou falsificar informações, o que sempre existiu na história do mundo (GENESINI, 2018, p. 46).

Todavia, cabe salientar que essa mesma *web*, considerada como um veículo fundamental para a disseminação de notícias falsas, também se coloca como um potencial meio de enfrentamento às *fake news*.

Nesse sentido, considerando a dualidade supramencionada, o presente trabalho visa a refletir sobre as questões que envolvem as *fake news* e as pós-verdades, principalmente no que se refere à Ciência. Pautados nos princípios da Análise de Discurso, que teve em Michel Pêcheux um de seus principais articuladores na França, e principalmente a partir dos contributos de Eni Orlandi no Brasil, refletimos sobre alguns “efeitos de verdade”.

Realizamos um movimento descritivo-interpretativo sobre alguns *sites* que se apresentam como possibilidade para a identificação de notícias falsas, e que, ao longo dos anos, explicitam mecanismos pelos quais há de se duvidar da veracidade de diversas notícias disseminadas na *web*. Alguns desses *sites* apresentam-se como agências de *fact-checking* (SPINELLI; SANTO, 2018) e são aliados importantes para identificar *fake news*.

Igualmente, refletimos sobre uma recente *fake news*, acerca do novo coronavírus. Nosso intuito justifica-se com base no atual momento de crise sanitária e político-social que se refere à urgente necessidade mundial de enfrentamento dos efeitos ocasionados pela pandemia da COVID-19. Tais efeitos situam-se em meio a um bombardeamento de (des)informações sobre possíveis curas e/ou amenização das questões relativas ao novo coronavírus.

2 Ciência em tempos de *fake news* e pós-verdade

Partimos da premissa de que entre os campos que possuem maiores prejuízos em tempos de *fake news* e pós-verdade está o da Ciência. Obviamente são diversos os campos de conhecimento e temáticas que sofreram - e ainda sofrem - com o bombardeio de notícias inverídicas. Exemplo disso foram as notícias relacionadas ao contexto político, como, por exemplo, o caso das eleições presidenciais dos Estados Unidos, já mencionado, bem como o processo que antecedeu as eleições do Brasil, tendo a sua origem ainda na instalação do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e estendendo-se por todo o processo eleitoral no ano de 2018. No entanto, para além das questões políticas, há um bombardeio de *fake news* relacionadas à Ciência.

Além de gerarem visões equivocadas, as notícias falsas não surgem ao acaso. Ao pensarmos a respeito das recentes *fake news* que envolvem questões científicas, como, por exemplo, de que é possível fazer álcool em gel em casa com gelatina incolor²; ou que chá de boldo combate coronavírus³; ou ainda de que beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal ou vinagre é uma solução para eliminar o vírus⁴, compreendemos que muitas dessas notícias surgem exatamente pela falta de consenso e/ou por desconhecimento das pessoas a respeito do tema. Nessa tessitura, Karat, Busko e Giraldo (2019, p. 122) apontam que “Quando surgem novas controvérsias científicas [...], que a ciência não tem condições de fornecer respostas em curto prazo, o clima de incertezas acaba favorecendo o medo e a insegurança na

² Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/alcool-em-gel-caseiro-contr-o-coronavirus-quimico-faz-alerta-0320>. Acesso em: 14 ago. 2020.

³ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/e-verdade-ou-fake-news/boldo-sintomas-coronavirus/>. Acesso em: 14 ago. 2020.

⁴ Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews/46582-beber-muita-agua-e-fazer-gargarejo-com-agua-morna-sal-e-vinagre-previne-coronavirus-e-fake-news>. Acesso em: 14 ago. 2020.

população, dando margem ao aparecimento de fake news”. Compreendendo que essa descrição das autoras converge com as recentes *fake news* disseminadas acerca de questões científicas diversas, como é o caso, por exemplo, das polêmicas que envolvem as falsas notícias sobre a COVID-19, entendemos que trata-se de um fenômeno que possui raízes complexas, não se limitando a uma só causa.

Podemos dizer que é cada vez mais evidente que existe uma forte tendência em se dar crédito às opiniões pessoais, crenças, emoções e/ou empirismos, do que à palavra de estudiosos/especialistas sobre um campo de conhecimento e/ou que estão relacionados as intuições consideradas credíveis (GENESINI, 2018, BUSKO; KARAT, 2019). Nesse sentido, Busko e Karat (2019), ao tecerem diálogos com outros autores, apontam uma série de questões que servem de motivação para que se produza e circule *fake news*. Primeiramente, se trata de uma falência em várias instâncias sociais e em caráter de crise política, econômica, social e ideológica, que ocorre a partir da carência, e até ausência, de informações à população sobre os estudos científicos e às inovações tecnológicas. Em segundo lugar, compreende-se que há o embate entre o discurso científico e outros discursos que circulam na sociedade, e que comumente estão relacionados às questões culturais e religiosas. Aliado a isso, existe ainda uma tendência, desta geração, por meio de processos de identificação, que a relaciona mais às formas (atrativas) de apresentação dos conteúdos na *web*, do que propriamente causa-lhe preocupações com as fontes e/ou a credibilidade. Por fim, é necessário compreender que as recentes crises políticas e a crescente desvalorização das instituições públicas nacionais agravaram esse cenário, caracterizando um ambiente propício para a formulação e disseminação de *fake news* (BUSKO; KARAT, 2019).

Ademais, compreendemos que “As fake news se assentam, também, na crise de confiança dos leitores nos veículos tradicionais” (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 159). Isso porque, tal como aponta Genesini, ao mencionar Hannah Arendt, apesar de não existir uma verdade única e objetiva, “[...] há uma parcela significativa da verdade que é baseada em fatos e pode ser comprovada [...]” (GENESI, 2018, p. 49). Nesse aspecto, ao pensar sobre o papel das mídias, Genesini (2018, p. 49) aponta que cabe a esta “[...] apurar, verificar e constatar a verdade factual para não deixar que os políticos fizessem uso dela como bem entendessem”.

Sobre as observações de Genesini (2018) e a noção de “verdade”, compreendemos que se trata de uma questão temporal e espacialmente marcada, de modo que considerar-se-á que esta é construída socialmente. Portanto, não acreditamos numa ciência que se coloca como factual, revestindo-se de uma neutralidade/objetividade absoluta, de modo a desumanizar-se e tornar estanques as subjetividades próprias ao humano. Todavia, também não se trata de um “vale tudo”, em que não há verdade alguma. No âmbito da Ciência, há sim diversos mecanismos que buscam apagar as subjetividades e dar um aspecto de neutralidade à Ciência e ao discurso científico (POSSENTI, 1997). Todavia, de modo algum o conhecimento científico pode ser descartado, principalmente ao compreendermos a Ciência enquanto cultura da própria história humana, sendo esta ainda uma importante forma de ler e interpretar o mundo.

Nessa perspectiva, entende-se que “[...] o critério de cientificidade de um enunciado não é a verdade da proposição que ele veicula, mas seu sistema de produção” (POSSENTI, 1997, p.12). Compreendendo as condições de produção como os contextos históricos e imediatos, que, ao mesmo tempo, impõe e reclamam sentidos “[...] por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 2003, p. 53), apontamos que a verdade científica não é (ou não deveria ser) efêmera, mas coloca-se como necessária dentro de um dado contexto histórico-social.

Também é procedente ressaltar que Pêcheux já apontava a importância em se pensar sobre os gestos de leitura em meio às novas questões que emergem com o advento da informática. Para o autor, nessa nova realidade parte-se da premissa de que se faz necessário plurais “[...] gestos de leitura que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das

leituras de arquivo (PÊCHEUX, 1994, p. 11). Pêcheux aponta que esse cenário é marcado pelo temor a um viés reducionista do conhecimento, ocasionado pela informática. Diante desse cenário, os interesses políticos, culturais e históricos devem ser considerados na leitura e interpretação de um texto. Além disso, considera-se que essa forma de “interpretar o mundo”, não apenas vincula-se ao conhecimento científico, como também se relaciona, inevitavelmente, a um imaginário construído a partir das relações sociais (ORLANDI, 1994). Daí a necessidade de compreendermos os mecanismos pelos quais se produzem (efeitos de) sentidos.

3 *Fake news* e as ferramentas de identificação

Há, no âmbito da “era da informação”, múltiplas formulações e circulação de sentidos. Acerca da multiplicidade de sentidos vigentes em contextos digitais, Eni Orlandi explica que “[...] na dificuldade de nomeação tudo se veste de sentido metaforizando-se como efeito da pandemia” (grifos nossos). A partir dessa fala, recentemente proferida pela autora no canal de *Youtube* da “Associação Brasileira de Linguística” (ABRALIN)⁵, consideramos que a própria indefinição de termos/conceitos e de suas significações (que, no nosso caso, trata-se daquilo que concerne ao discurso científico), apresenta-se como mais um dos fatores que podemos apontar como importantes para a produção de voláteis sentidos (sentidos estes que abrem margens à produção de notícias falsas e desinformação).

Além disso, Eni Orlandi explicita que “[...] os sentidos não estão nas palavras, mas nas relações que se estabelecem”. Desse modo, ao pensarmos sobre o texto, quer seja verbal ou não verbal, na perspectiva da AD, compreendemos que neste ocorrem variações de leitura, que promovem tanto gestos de interpretação, com base na repetição (paráfrase), quanto produz novos sentidos, em uma gama de interpretações possíveis (polissemia). Desse modo, na *live* realizada no canal da ABRALIN, Orlandi explica que:

A volatilidade da interpretação é a contraparte da dileção do real. Fatos ou eventos se exaurem em versões. Os sentidos não são carreados por nenhum real. Se já trabalhávamos em análise do discurso com identidades descartáveis, temos convivido contemporaneamente, e não só agora por causa da pandemia, com sentidos descartáveis (grifos nossos).

Assim, sendo o discurso definido como “efeito de sentido entre (inter)locutores”, é relevante pensar a respeito dos gestos de interpretação e da opacidade da linguagem (ORLANDI, 1994), compreendendo que, para além do equívoco ocasionado pelo trabalho do interdiscurso, e que é comum à linguagem, na atualidade, também há a produção de um outro equívoco, que formula-se com base na instabilidade de sentidos.

Do ponto de vista do ensino, diante de instáveis possibilidades de interpretação ocasionadas pelas *fake news*, principalmente em meio às recentes questões da Ciência, para as quais ainda não se possui uma relação de consenso, podemos compreender que “[...] a discussão a respeito das controvérsias científicas na escola favorece o desenvolvimento por parte dos alunos em sua capacidade de avaliar, criticar e compreender o conhecimento e as informações que circulam na sociedade de forma ampla (KARAT; BUSKO; GIRALDI, 2019, p. 135). Isso se faz necessário porque, “Com o excesso de informações disponibilizadas na internet, os estudantes podem encontrar dificuldades para identificar o que é real e diferenciar do que não é, bem como compreender as motivações dessas notícias” (KARAT; BUSKO; GIRALDI, 2019, p. 129). Isso nos leva a crer que, a partir de uma perspectiva de ensino que visa a que o aluno possa se posicionar perante as informações que lhes são postas, torna-se possível identificar, compreender e refletir sobre aquilo que se está lendo.

Partindo desse contexto, reforçamos a necessidade de trabalharmos a compreensão e a

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjCsJxfiXtg&t=1078s>. Acesso em: 24 jul. 2020.

veracidade de notícias em diversos âmbitos sociais e educativos para pensarmos a respeito das questões até aqui discutidas. Nesse sentido, propomos uma reflexão a partir de um olhar interpretativo para uma notícia. A imagem a seguir ilustra uma *fake news* disseminada em 2020 e que, apesar de tangenciar ao absurdo, convenceu diversas pessoas na *web*.

Figura 1: *Fake news* na pandemia da COVID-19



Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/fake-news-atingem-85-das-mensagens-sobre-coronavirus-checadas-pelo-ministerio-da-saude.shtml>. Acesso em: 02 ago. 2020.

Apesar de amplamente compartilhada em redes sociais, a notícia não é verdadeira. O corpo do texto traz informações desprovidas de fundamentação sólida, por meio de frases subjetivas, cujo propósito é chocar e engajar o interlocutor na continuidade da leitura, como no trecho “Isto é o fim do mundo!!!”. Logo no início da postagem e seguido por quatro pontos exclamativos, o trecho indica o sentimento de espanto do autor e chama a atenção do leitor. As sentenças seguintes trazem informações cuja fonte não é explicitada ao final do texto, além de lançar mão de palavras vagas e incertas, como, por exemplo, “deve aprovar”. Destarte, essas palavras são incomuns ao gênero textual notícia.

A partir do enunciado compreendemos que houve uma busca por uma construção de “verdade”. Essa busca, que se faz a partir de recursos discursivos que buscam afirmar uma questão, premedita a produção de um determinado efeito de sentido, por meio de um mecanismo de antecipação, que tenta direcionar as possíveis interpretações de seus interlocutores.

Considerando a produção de um “efeito de verdade” por meio da construção de uma falsa notícia, torna-se essencial a busca pela veracidade da informação a qual se recebe. No caso da *fake news* apresentada na figura 1, basta uma pesquisa através da plataforma Google para descobrir que não há registros no Supremo Tribunal Federal do suposto genocídio que a China promoveria como forma de contenção à proliferação do coronavírus.

De modo a amenizar os efeitos da circulação de falsas notícias, que ocasionam a volatilidade de interpretações na atualidade, assinalamos que há mecanismos que se colocam como uma possibilidade. Entre esses mecanismos, alguns *sites* podem ser considerados como importantes “ferramentas” que auxiliam nos embates ocasionados pela disseminação de *fake news*. Esses *web sites* são especializados em detectar notícias falsas e podem ser úteis em caso de dúvidas do leitor. Como exemplo, podemos citar os portais *E-farsas*⁶ e *Fato ou Fake*⁷ do

⁶ Disponível em: <https://www.e-farsas.com/o-autor>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

G1⁶, que investigam notícias em circulação na *internet*, analisando a sua veracidade. Além desses portais, podem ser utilizados como referência para consultas de fontes confiáveis outras páginas, como, por exemplo, o *site Truco (Agência Pública)*⁸, que apresenta abordagem jornalística investigativa, e a *Agência Lupa*⁹, na qual tem-se a possibilidade de colar trechos de notícias que causem dúvidas no internauta, de modo a conferir a sua veracidade.

Outra importante ferramenta disponibilizada na *web*, de forma gratuita, é o *site Detector de Fake News*¹⁰. Concebido por docentes da Universidade Federal de São Paulo (USP), o *site* possui uma caixa de texto na qual o leitor tem a possibilidade de colar excertos de notícias que considere suspeitas. A partir da organização textual e da sua forma de escrita, a ferramenta emite um parecer dizendo se é uma *fake news* ou não. Essas são algumas possibilidades atuais que a controversa *web 2.0* nos fornece, em um impasse que está entre a criação do inverídico e a possibilidade de tangenciar à fidedignidade da informação.

Sobre a busca pela veracidade das informações, de acordo com Spinelli e Santos (2018), checar os dados é um procedimento comum, há muito tempo, no jornalismo. No entanto, no início do século XXI houve a intensificação dessas práticas. Atualmente esse procedimento de checagem de informações apresenta-se como uma eminente preocupação das principais plataformas digitais, como o *Google* (que bloqueia anúncios de *sites*, quando identifica a veiculação de notícias falsas), o *Facebook* (que possui funcionários responsáveis pela questão, elaborando projetos e ações, e silenciando tópicos que propagam essas notícias) e o *Youtube* (que possui selos de verificação de notícias) (SPINELLI; SANTOS, 2018).

Os checadores do mundo têm uma rede internacional (o International Fact-checking Network - IFCN, do Poynter Institute), um código de princípios, uma conferência global anual e um dia internacional do fact-checking - dia 2 de abril, o dia seguinte ao da mentira. Diante da disseminação de notícias falsas e o comportamento do público em relação ao que se produz, a tendência é de que os grandes veículos de comunicação, diante de suas redações cada vez mais enxutas, tenham que usar cada vez mais a mão-de-obra de agências de checagem para auxiliar nesse processo (SPINELLI; SANTOS, 2018, p. 71).

Assim, em meio às complexidades apresentadas nos espaços virtuais, agências de checagem como *Lupa*, *Truco* e *Aos Fatos*¹¹, bem como os demais *sites* mencionados, surgem como uma das alternativas diante dos voláteis sentidos produzidos na contemporaneidade.

4 Considerações finais

O advento de novas tecnologias e a expansão das redes sociais trouxeram, sobretudo, a democratização de acesso às informações. Em poucos cliques têm-se notícias em tempo real, sendo possível comentar, compartilhar e postar nas redes pessoais. Tal democratização evidenciou, no entanto, que a circulação de notícias falsas, especialmente aquelas que veiculam conteúdos científicos, tornaram-se um paradoxo em meio ao compartilhamento em massa da desinformação, gerando pânico, revolta e conclusões precipitadas em seus leitores.

Diante dessa questão, *web*-ferramentas surgem como uma possibilidade de amenizar os efeitos da construção de pós-verdades que estão, de algum modo, associadas à Ciência. Essas ferramentas surgem como uma interessante possibilidade, contrapondo-se às notícias falsas, numa disputa de (efeitos de) sentidos e de “efeitos de verdade”. Assim, se por um lado, na *web*, as *fake news* deturpam interpretações a partir de voláteis construções do equívoco, em um

⁸ Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

¹⁰ Disponível em: <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/quem-somos/>. Acesso em: 02 ago. 2020.

discurso polêmico e em que há uma disputa pelo referente “Ciência”, por outro, a partir de um contramovimento, há a busca por restabelecer a credibilidade da informação. Isso ocorre não apenas pela veiculação de informações fidedignas, como também a partir da produção de possibilidades de identificar-se o inverídico.

Referências

- BUSKO, Paula Simone; KARAT, Marinilde Tadeu Karat. Ensino de Ciências: o vírus Zika e as Fake News – Proposições para uma prática docente. **Revista Teias**, v. 20, n. 57, abr./jun. 2019. Pesquisa em Educação em múltiplos contextos.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018.
- GELFERT, Axel. Fake News: A Definition. **Informal Logic**, v. 38, n. 1, 2018, pp. 84–117.
- GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, (116), 2018, pp.45-58.
- KARAT, Marinilde Tadeu; BUSKO, Paula Simone; GIRALDI, Patricia Montanari. Proposições para uma formação docente no ensino de ciências: o vírus zika e a epidemia de Microcefalia. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 17, nº 3, 2019. pp.122-139, nov./dez. 2019.
- LAZER, David M. J.; BAUM, Matthew A.; BENKLER, Yochai; BERINSKY, Adam J.; GREENHILL, Kelly M.; MENCZER, Filippo; METZGER, Miriam J. Metzger, NYHAN, Brendan; PENNYCOOK, Gordon; ROTHSCILD, David; SCHUDSON, Michael; SLOMAN, Steven A.; SUNSTEIN, Cass R.; THORSON, Emily A.; WATTS, Duncan J.; ZITTRAIN, Jonathan L. The science of fake news. **SCIENCE**; v. 359, n. 6380; mar. 2018.
- ORLANDI, Eni. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, 1994.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In. ORLANDI, Eni P. (org) [et. al.]. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, pp.55-66 (Coleção Repertórios).
- POSSENTI, Sírio. Notas sobre linguagem científica e linguagem comum. **Cadernos CEDES**, (14), pp. 9-24, 1997.
- RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019, pp.31-47.
- SPINELLI, Egle Müller; SANTOS, Jéssica de Almeida. Jornalismo na era da pós-verdade: fact- checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 3, pp.759-782, maio. 2018.